

As atividades humanas continuam sendo um desafio para o pensamento devido, dentre outros aspectos, às configurações que apresentaram ao longo da história. Esta diversidade interdita àqueles que se interrogam e buscam entender e analisar as atividades humanas de trabalho e suas transformações a se satisfazerem com modelos explicativos sobre as mesmas por permanecerem no nível geral do seu funcionamento e entendimento, conduzindo-os a considerarem o que se apresenta enquanto tendência nestas configurações como de fato realizado. Com isso, delas abstraem outros modos de realizações das atividades humanas dando-se graças às singularidades e as histórias dos seres humanos que as realizam em relações sociais heterodeterminadas, nas diversas situações de trabalho. E, hoje, novas configurações se apresentam, postas pelas mudanças destas situações, e esse desafio torna-se incontornável ao pensamento, interrogando os conhecimentos sobre as mesmas e os produzidos por esses modos, singularidades e histórias.

Os artigos aqui apresentados enfrentam este desafio ao se debruçarem sobre as atividades humanas, quer nas situações de trabalho do processo produtivo imediato, nas do setor de serviço, quer ainda na situação de trabalho da escola. Juventude e educação são também tematizadas nestas interrogações.

Maria Bernardete F. de Macêdo, sob o crivo da multidisciplinaridade (sociologia das relações sociais de classe e sexo, ergonomia e psicodinâmica do trabalho) e depoimentos e histórias de vida, obtidos através de entrevistas, analisa o trabalho e saúde de homens e mulheres operários em relação com o processo de trabalho e a estrutura familiar, com relevo ao trabalho doméstico, no intrincado do universo cultural camponês/católico. A fábrica é a cidade e vice-versa, e camponesa-operária a estrutura familiar pela qual se processam a organização sócio-técnica, a divisão sexual do trabalho e saúde, estruturando as hierarquias, enquanto construção social e nela a complementaridade das relações entre homens e mulheres em todo espaço social.

Heloisa H. T. de Souza Martins, mediante trajetórias ocupacionais de jovens trabalhadores, desenvolve suas reflexões em torno das noções jovem-adulto e capital humano, verificando as limitações de suas aplicações na análise da realidade brasileira e relacionando-as às exigências de maior nível de escolarização e formação profissional. As reflexões têm como base empírica entrevistas realizadas com jovens trabalhadores metalúrgicos, de 18 a 25 anos de idade.

A preocupação de Ana Cristina A. Nasser é a representação do trabalho dos excluídos, definitivamente, do mercado formal de trabalho, sobrevivendo em albergues, tendo como referencial o estudo do cotidiano (representações) desenvolvido por H. Lefebvre. Igualmente à primeira autora, recorre aos depoimentos e histórias de vida, abrangendo desde indivíduos analfabetos a profissionais. Todos através da memória [re]vivem as representações de si como trabalhadores mediante as quais não se sentem excluídos dos liames sociais, conferindo-lhes sentidos ao seu cotidiano e existências. O que remete a salientarmos ser o trabalho valor central na vida humana e formativo do indivíduo.

Yves Schwartz desenvolve suas reflexões das atividades humanas de trabalho como o lugar adequado para abordar-se a subjetividade, quando prevalecia nos estudos do trabalho a idéia taylorista, negadora da mesma. Ele é um lugar é problemático, de tensão e sempre de possíveis a negociar e convoca o ser vivo humano no seu todo na atividade. O trabalho é uso de si/uso de si por si, não

execução, porque dando-se em relações sociais heterodeterminadas mediante normas, prescrições, valores, que são renormalizados pelos trabalhadores, criando estratégias singulares, nas diversas situações de trabalho. Este é, portanto, espaço de debates/confrontos de valores, ancorados na configuração particular de cada uma destas situações e nas histórias e biografias singulares e modos de trabalhar de cada trabalhador, explicitados em seus depoimentos. Essa tensão contraditória, para sua apreensão, requer um dispositivo de pesquisa multidisciplinar que articule os conhecimentos com a experiência dos trabalhadores, numa relação dialética constante.

As reflexões de Maria Inês Rosa orientam-se pela concepção do trabalho como uso de si e uso de si por si no entendimento das mudanças atuais nas atividades de trabalho, que se constituem como uma nova modalidade de uso de si do trabalhador, organizando o trabalho (prescrito e real). Este é o espaço de debates/confrontos de valores. O mesmo ocorre com a educação que aí se processa. A análise dessa nova modalidade e os debates/confrontos dão-se mediante a abordagem ergológica. Igualmente aos demais autores, considera o depoimento, porém somente de um trabalhador, operário, pelo qual ele testemunha essa nova modalidade de uso de si, exprimindo também o uso de si por si-estes debates/confrontos. Em questão está a atividade de conceituação do trabalho prescrito que empreende capturar/modelizar as atividades humanas e experiências – o trabalho real.

Jurema Rosa Lopes problematiza o espaço social da escola como uma grande e única sala de aula, sob o crivo da diversidade das atividades nele desenvolvidas que, pela interdependência e interpenetração, configuram a prática pedagógica como não exclusiva à sala de aula através mesmo desta diversidade e, portanto, de situações de trabalho. A conceituação de sociedade e indivíduo de N. Elias e a concepção de trabalho como uso de si e uso de si por si desenvolvida por Y. Schwartz, permitem-lhe considerar essa “grande e única sala de aula” que, pelas atividades várias, é o lugar onde se dão escolhas, intervenções, decisões por todos envolvidos nessas situações e prática.

Os ensaios aqui apresentados, em suas especificidades, também enfrentam o desafio acima referido. O de Orna Messer Levin enfoca o trabalho intelectual, o do cronista no Brasil, na transição do século XIX para o XX. Analisa a função social, formadora e informativa, e a evolução da crônica em relação às mudanças culturais e na imprensa, que incidem no trabalho do cronista, tendo como fonte principal os dados secundários do jornal *Gazeta de Notícias*. Já o ensaio de Márcio Seligmann-Silva remete ao trabalho intelectual do pesquisador, e não só o do historiador, problematizando os desafios impostos à historiografia pelo evento de Auschwitz, destacando a literatura de testemunho. Esta é memória, testemunhos, deste último e do contexto sociopolítico que o engendrou, auxiliando na construção de uma imagem do passado. Uma nova ética da representação, da história e da memória, é central nesta construção, a qual se apoia nos autores S. Freud, W. Benjamin, M. Halbwachs, J. Derrida e S. Friedländer.

Os livros resenhados por Áurea C. Costa, Edna M. G. Joazeiro e Paulo Celso C. Gonçalves inserem-se nos debates/confrontos de valores pelas atividades humanas. O primeiro refere-se às atividades da política e do político na sociedade brasileira, o segundo à atividade da linguagem, sobretudo, a do silêncio, e o terceiro à atividade de trabalho de conceituação tentando modelizar as atividades humanas e experiências no trabalho.

Salientem-se as participações e contribuições de Arantes, Souza Martins e Schwartz nas atividades do GEMTCE, especial destaque às contribuições epistemológicas e teóricas deste último autor.

Maria Inês Rosa
Coordenadora – GEMTCE